5ª STAL CONFERÊNCIA SINDICAL
25 . SETEMBRO . 2026 TENTÚGAL – COIMBRA

Comunicação, informação e propaganda

CARLOS FERNANDES

Boa tarde, camaradas.
Vivemos na era da informação. Nunca houve tantos meios para comunicar. Telemóveis, redes sociais, *e-mails*, plataformas, mensagens que chegam em segundos a qualquer parte do mundo.

E, no entanto, nunca foi tão difícil chegar verdadeiramente às pessoas.

Nunca foi tão fácil falar – e nunca foi tão difícil ser ouvido. Nunca tivemos tantos canais – e nunca houve tanto ruído. É este o paradoxo que a comunicação sindical enfrenta hoje. E é este o ponto de partida da minha intervenção.

E o que é que isso significa, na prática?

Significa informar – mas informar não é encher papel. É dar ao trabalhador os instrumentos para pensar por si, para não aceitar o que lhe impingem.

Significa esclarecer – porque a desinformação não é só um problema dos outros. Também nos bate à porta. E temos de a ler, compreender e estar preparados para responder.

E aqui, camaradas, temos um instrumento que muitas vezes fica subutilizado: o nosso jornal. Ele não existe apenas para os sindicalizados. Existe primeiro para nós – para os delegados e dirigentes que têm de estar esclarecidos, que têm de conhecer a linha, que têm de saber responder quando um trabalhador pergunta. Um dirigente que não lê o jornal do seu sindicato abdica de uma ferramenta de trabalho. E depois, com essa base, pode esclarecer os outros.

Significa agitar e mobilizar – porque a informação que não conduz à acção é estéril. A comunicação sindical existe para ligar os trabalhadores ao sindicato, reforçar a consciência de classe e preparar o combate.

Informar, esclarecer, mobilizar. Três passos que não são separados – são um processo contínuo. E é isso que temos de garantir.

Porque um documento que fica numa gaveta não é comunicação. É papel. Um documento que fica num *e-mail* que ninguém abre não é comunicação. É ruído. O valor do que fazemos só existe no instante em que chega a um trabalhador – e esse instante chama-se contacto.

A melhor ferramenta que o sindicato tem não é o cartaz mais bonito nem a publicação mais partilhada. É o delegado que bate à porta. É o dirigente que passa no local de trabalho e pergunta como é que as coisas estão. É a mão que entrega o documento e fica dois minutos a explicar o que ali está escrito. É o ouvido que escuta um problema que ainda não está em lado nenhum.

É o momento em que o sindicato deixa de ser uma sigla e passa a ser presença. E é esse contacto que faz a diferença entre um trabalhador que recebeu um papel e um trabalhador que se sente acompanhado.

Nestes anos de trabalho sindical, se há coisa que aprendi é que a melhor comunicação sindical não se faz nos gabinetes. Faz-se no terreno, com quem lá está, à conversa com quem tem o problema.

Podemos ter os melhores materiais do mundo. Se não chegarem às mãos dos trabalhadores, não valem nada.

Por isso, o que hoje se pede não é um esforço de produção. É um esforço de presença. De irmos onde ainda não fomos. De usarmos meios que ainda não usámos. Sem abandonar o que sempre funcionou.

Quando uma luta é marcada, estaremos prontos. Porque teremos estado sempre lá.

Camaradas,
O nosso documento à 5.ª Conferência do STAL termina com um Plano de Acção – reflexões tidas durante o período de discussão para esta conferência.

São orientações para melhorar a nossa organização e acção. Devem ser discutidas, como estamos a fazer hoje, lidas e estudadas por todas as estruturas do STAL em todo o Pais.

O seu único objectivo é, a partir dos contributos dos camaradas e das experiências positivas que vamos tendo em vários locais, cumprir o mote desta nossa conferência: «Reforçar o STAL; Afirmar direitos; Fortalecer o Poder Local!»

Viva a 5.ª Conferência!
Viva a CGTP-IN!
Viva o STAL!